

O professor João de Carvalho numa aula prática de Ciência

nominou de "Via Crucis". Estalando a Revolta da Armada em 1893, foi êle injustamente incluído como um de seus principais causadores. Era a calúnia que, com seu vírus mortífero, qual vibora, não hesitava em ferir a dignidade daquele cujo único crime era o de expor livremente suas idéas republicanas, as mesmas que quase dois séculos antes bradara Bernardo Vieira de Melo em Pernambuco. Apesar de sua inocência, Rui teve de dizer, não adeus, mas até breve à sua terra. A mesma sorte que tivera o Imperador ao ser exilado, destinava-se agora Rui, com apenas uma diferença: o primeiro ia para sempre, ao passo que o segundo voltaria e teria seu nome novamente reintegrado na política do País que êle tanto amava.

Depois de pequena estada na Argentina e em Lisboa, fixou-se êle definitivamente em Londres. Ia viver sob um novo céu, porém não tão azul quanto o do seu Brasil, onde o nascente do sol era mais belo e o fulgor das estrelas mais brilhante. Quantas vezes não teria êle feito ao Senhor as mesmas supplicas que, também no exílio, formulara Gonçalves Dias:

"Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que destrute os primores  
Que não encontro por cá.  
Sem qu'inda aviste as palmeiras  
Onde canta o sabiá."

E Êle atendeu-o neste pedido, pois, restaurada a ordem civil, pôde Rui novamente regressar à Pátria. Maior, porém, foi seu contentamento ao verificar que sua ausência ao invés de prejudicá-lo, servia apenas para elevá-lo mais alto no conceito do público, pois, ao voltar, foi reelito senador pela Bahia, em 1895.

Entretanto, a maior vitória de sua carreira, conseguiu-a êle ao tomar parte na Conferência Internacional de Hava, para onde fôra nomeado por Rodrigues Alves. O objetivo da Conferência era tornar mais humanas as cruéis guerras de então. A principio a embaixada brasileira não foi muito bem recebida, pois alegavam os delegados europeus que aquelas questões interessavam somente a êles e não a um país sul-americano. Tanto assim que, quando Rui principiava sua oratória, os outros representantes abriam desdenhosamente os jornais em attitude de desprezo e desinteresse. Esta desagradável situação perdurou até o dia em que, numa sessão, Rui salvou sua reputação e a do Brasil numa feliz resposta dada a De Martens, presidente da Conferência. Desde então o ilustre orador passou a ser tratado com mais consideração por aquêles que, finalmente, viam nêle uma das maiores revelações da Assembléia. Conseguiu Rui esta vitória graças à sua perseverança sobre a incompreensão, que jamais o afetou, ao profundo amor que dedicou aos livros desde a infância e a seu pai, que, muitas vezes, o obrigava a subir a uma plataforma para lhe dar lições de oratória e gestulação.



O professor Léllo Gomes numa aula prática de Ciências

Regressando triunfante de Haia, defrontou-se com uma época em que estava em evidência a campanha da sucessão presidencial de Afonso Pena. E para esta sucessão é indicado, como um dos candidatos, o Marechal Hermes da Fonseca, então Ministro da Guerra. Rui vê o Brasil sob uma ameaça militarista. Considerando o regime prejudicial a nossa Pátria, lança uma violenta campanha para a reação civil, na qual põe em jogo todos os seus poderes de orador eminente. Perante o povo, defendia suas idéias com palavras claras e firmes, fazendo-lhe ver o que considerava e o que não considerava certo. Sua candidatura foi lançada para disputar com o Marechal Hermes o posto mais alto do regime republicano. No entanto, para surpresa geral, as urnas proclamaram vencedor o candidato militar. Grande foi a surpresa de Rui e dos que reconheciam nele o provável vencedor. Porém sua derrota jamais o impediu de lutar, pois, no governo que então se iniciava, estava sempre pronto a combater o que não fosse direito, mesmo sabendo que daí lhe poderiam advir graves consequências. Desta época data o seu livro "Contra o Militarismo", no qual expõe lódas as suas intenções e ataca o regime então militante.

Chefiou mais tarde dois movimentos civis, o primeiro em 1913 e o segundo em 1920, este último em seu estado natal, a Bahia.

Nenhum dos dois apresentaram grandes consequências.

O grande esforço dispendido nas lutas políticas, bem como as últimas desilusões fatigaram-lhe o espírito e arruinaram-lhe a saúde, deixando Rui de aitar na política e vindo a falecer a 1 de março de 1923, na cidade de Petrópolis.

Muitos livros já foram escritos sobre Rui Barbosa, quer de caráter biográfico, quer de caráter crítico, porém tenho certeza de que outros surgirão, pois Rui encerra uma fonte inesgotável de estudos. E no dia 5 de Novembro, quando desaparecerem as estrelas no firmamento e surgir no horizonte a auréola solar, anunciando um novo dia, então sua sombra se erguerá do túmulo e seu espírito estará presente a lódas as homenagens que, pelo povo brasileiro lhe forem prestadas. Nesse dia veremos crianças, moços e velhos, congregados para um mesmo fim, levando ao ardoroso repubblicano as flores da gratidão e do reconhecimento pelo muito que fez éle em beneficio da terra de Pedro Álvares Cabral. Sua vida constitui um livro aberto com ensinamentos para aquéles que realmente querem triunfar, e, se a mocidade de hoje o seguisse, teríamos amanhã um Brasil mais democrático e idealista.

Aqui fica, pois, esta sugestão aos milhares de jovens brasileiros para que saibam aproveitar os exemplos de Rui Barbosa, de quem se pode dizer que foi, a seu tempo "primus inter pares".



Aspecto parcial do Arquivo



O Chefe da Disciplina consulta as fichas individuais dos alunos

## A FORMAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

JACK FERNANDES DOS SANTOS.

2ª série do C. Científico



S Estados Unidos devem grande parte da sua formação à "Reforma Religiosa", processada na Europa por Lutero e Calvino.

Explicando melhor: Teve o benefício de uma corrente migratória de escol, constituída por elementos da elite européia, sob o ponto de vista cultural e intelectual, bem ao contrário dos demais países do Novo Continente, que foram agraciados com a escória da imigração de mesma procedência, proveniente da península Ibérica.

Deve-se esta diferença básica, à pressão exercida politicamente sobre os adeptos do Calvino-Luteranismo, que se viram forçados a abandonar suas pátrias e a refugiar-se no estrangeiro.

A proximidade do norte do Novo Continente, o clima bastante semelhante ao seu, a pouca atenção votada pela Espanha à terra descoberta, foram razões que muito contribuíram para essa preferência. Uma causa ainda reputada de grande valor foi o tratamento liberal dispensado pela Inglaterra às suas colônias ultramarinas.

Vejamos a seguir como surgiram as principais colônias que vieram a constituir, mais tarde, os Estados Unidos da América.

Os primeiros a se estabelecer na América do Norte foram os espanhóis, em "San Agustín", na Flórida, em 1565. Quase meio século mais tarde vieram os ingleses, que se localizaram em Jamestown, na Virgínia, nome dado em homenagem à rainha "Elizabeth" da Inglaterra, que nunca contraiu núpcias. Em 1609, fundou-se a 2.ª colônia espanhola em Santa Fé, que é conhecida hoje por Novo México.

Depois, em rápida sequência, foram chegando colonos de quase toda a Europa. Os ingleses se estabeleceram na Nova Inglaterra. Os holandeses em Nova Holanda, como era chamada New York, primiti-

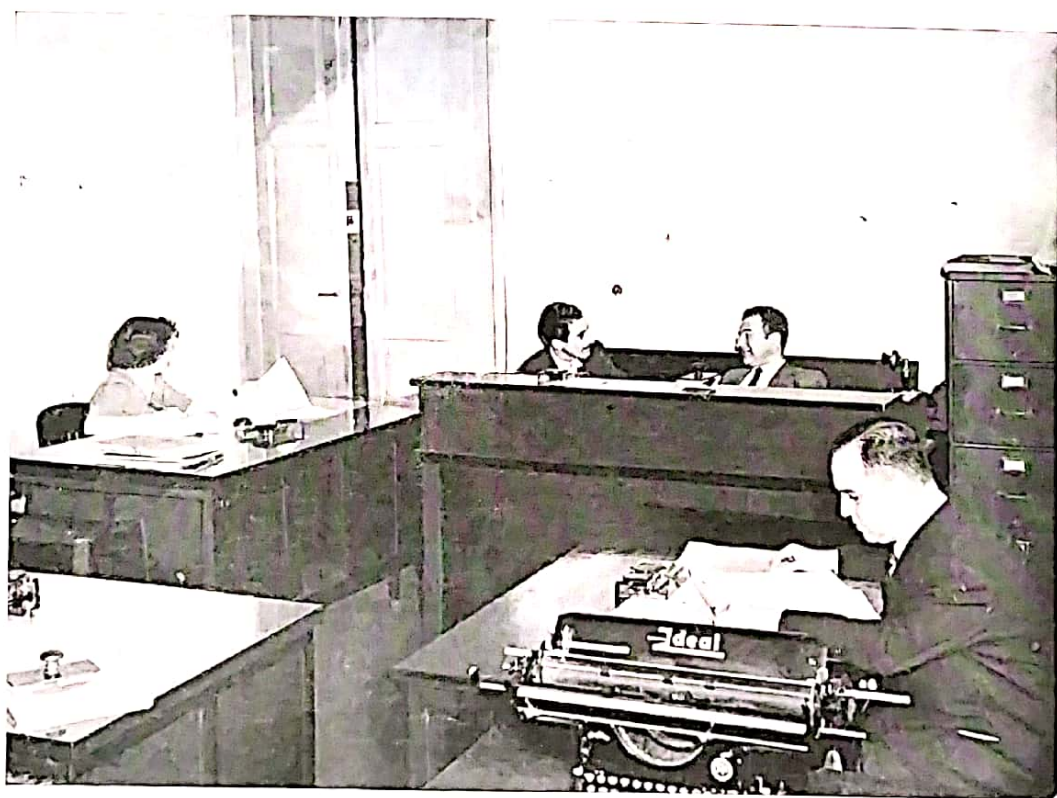
vamente. Ao sul desses núcleos localizaram-se os suecos. No vale do Mississipi, espanhóis e franceses, principalmente estes últimos.

Na colônia de Quakers ingleses, na Pensilvânia cujo nome lembra seu fundador William Penn, foram introduzidos em grande número, colonos alemães. Ao noroeste firmaram-se os russos; e no sudoeste e costa do oceano Pacífico os espanhóis fundaram, mais tarde, novas colônias; basta verificar os nomes dos acidentes geográficos desta região que comprovam a sua origem espanhola.

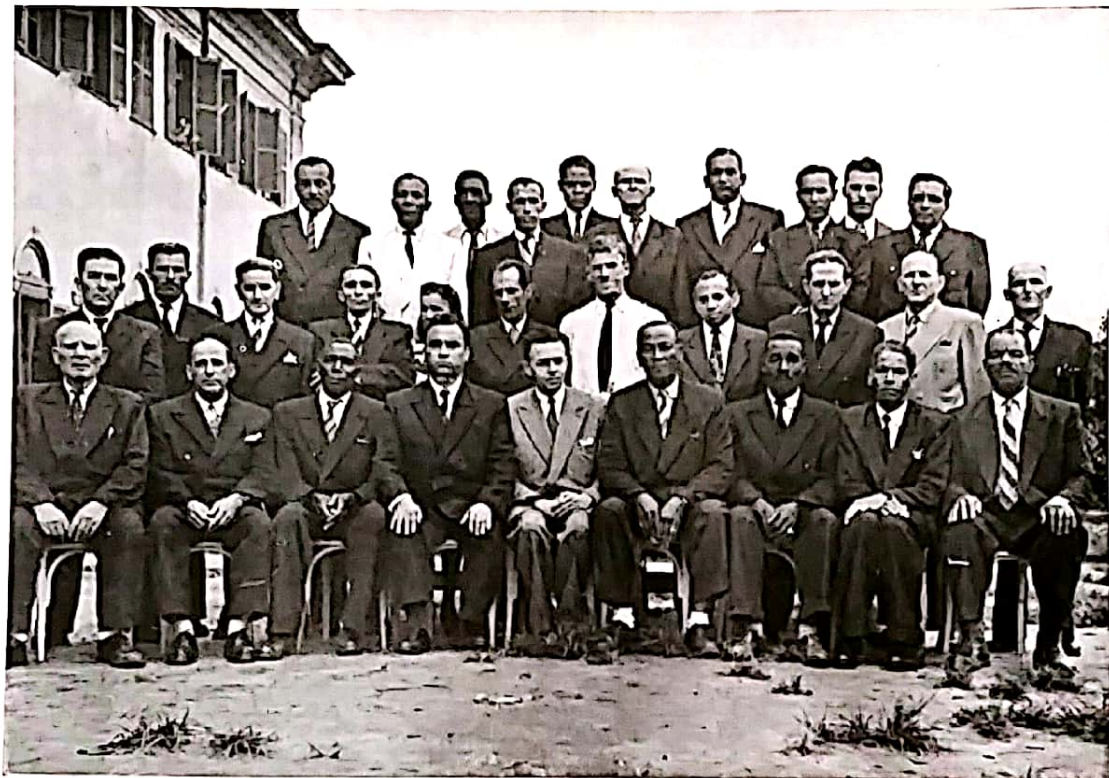
Na história da colonização dos Estados Unidos da América é digno ressaltar, ainda, a viagem dos "Pilgrims" no "May Flower" em 1620, céica de cem homens puritanos imigrados da Europa, a fim de manter sua crença e fugir das perseguições do rei Jaime I. As intenções dos "Pilgrims" eram de desembarcar entre o Delaware e o Hudson, em terras da companhia de Londres, mas, por causa do mau tempo durante a viagem, aportaram mais ao norte, num ponto da costa que Smith já tinha denominado Plymouth. Tiveram sorte, pois conquistaram as boas graças dos índios, que fizeram um tratado que perdurou durante meio século.

Os governos formados nas colônias daquele tempo foram tão diferentes quanto os colonos que as constituíam. No sudoeste, as colônias espanholas faziam parte do vice-reinado da Nova Espanha, assim se chamava o México. Os franceses eram dirigidos pelo governo colonial do Canadá. A Nova Holanda e a Virgínia estavam sob controle de companhias comerciais. Massachusetts era uma teocracia. Connecticut e Rhode Island, e mais tarde New York, foram latifúndios de favoritos de reis da Inglaterra. A Carolina foi dada, em sociedade, a oito protegidos de Carlos II. A última colônia fundada foi a Geórgia, em 1732, por um filantropo, membro do parlamento inglês, James Oglethorpe, e foi assim chamada em honra de Jorge II. Vinte anos depois de sua fundação, portanto em 1552, passou a ser colônia da Coroa. A religião dos colonos variava bastante: franceses, espanhóis, e ingleses de Maryland adotavam o satolismo. A Nova Inglaterra era puritana, povoada por protestantes descontentes com a igreja anglicana. New York, depois que passou para o domínio inglês, em 1664, tolerava todos os cultos. A Pensilvânia foi quase toda povoada por alemães protestantes. A Virgínia e a Carolina pertenciam à igreja anglicana.

Pela quantidade e, principalmente, pela qualidade dos colonos, estas colônias progrediram muito, e, em 4 de julho de 1776, declararam-se independentes. Ao cabo de 7 anos de luta, ajudados por forças, provisões e navios fornecidos pela França, esta independência tornou-se concreta. De 1783 a 1787 reinou a confusão política, até que cinquenta e cinco delegados das colônias se reuniram na Filadélfia, a cidade então de maior importância no país, com o fim de redigir uma nova constituição, obra, aliás, na maior parte, de James Madison, da Virgínia.



Aspecto parcial da Secretaria do Internato



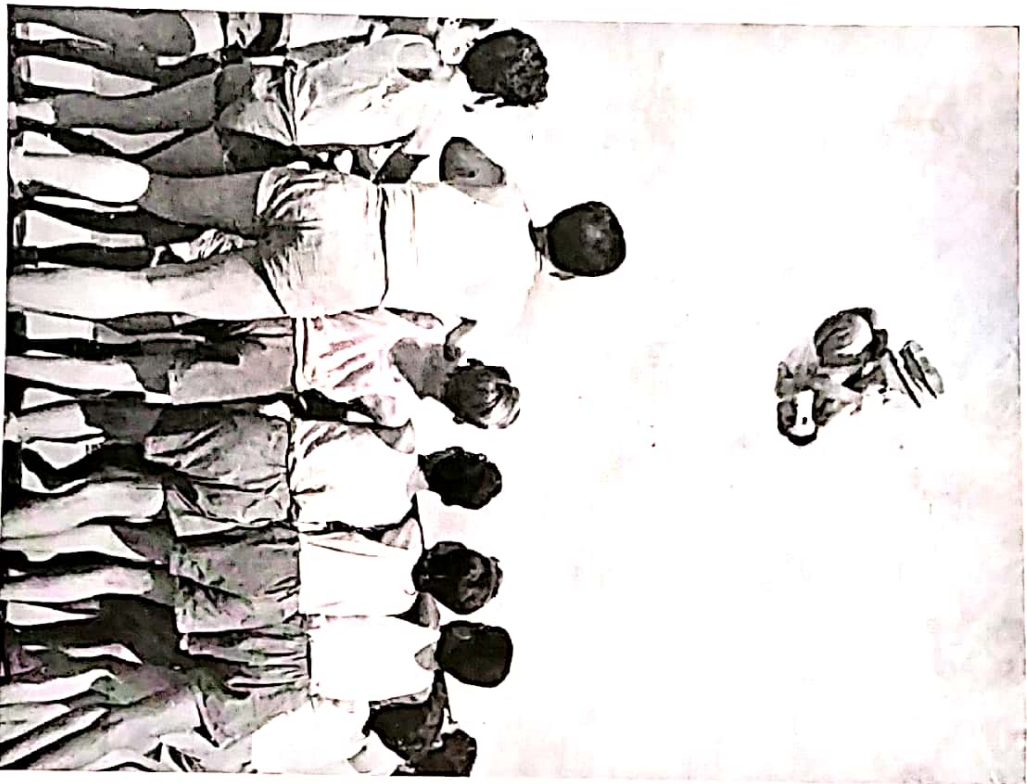
Grupo de serventes do Internato, vendo-se ao centro o Sr. Diretor ladeado pelo Chefe da Portaria e do Almojarifado

Dai para cá, os Estados Unidos da América aumentaram muito o seu território, com as seguintes aquisições:

1) Compra da Luisiânia a Napoleão Bonaparte em 1803, abrangendo terras de mais de dois milhões e meio de km<sup>2</sup>. O Texas, que era independente, desde 1836 passou a fazer parte da comunidade dos estados americanos. Ao se estender para o Oriente, seus naturais invadiram o território mexicano, tendo origem, assim, a guerra de 1845. Terminada a luta, a Califórnia e o sudoeste passaram para o domínio americano. Em 1867 os Estados Unidos compraram à Rússia o Alasca. Houve também um tratado de limites com a Inglaterra, que corrigiu as fronteiras do Canadá com os Estados Unidos.

Se observarmos a história dos Estados Unidos da América, verificaremos que a imigração estrangeira, principalmente europeia, teve grande papel no seu desenvolvimento econômico, não só quando eram simples colônias da Inglaterra, mas depois da independência. Até hoje verificamos que os Estados Unidos recebem grande número de imigrantes, principalmente europeus, gente culta, geralmente fugida dos regimes políticos e guerras europeias. Para demonstrar que a imigração para os Estados Unidos é um fato, basta lembrar que o recenseamento de 1940 acusou que 25 % da população do país eram de estrangeiros.

O povo dos Estados Unidos é, portanto, um amálgama de raças e culturas de uma porção de povos, e nisso consiste sua força. É pela capacidade de ação de seu povo, que a nação americana chegou ao ponto de primeira potência mundial, com um lugar preponderante na política universal.



Grupo de alunos numa aula de Educação Física

## RUI BARBOSA, O ORADOR

DOMICIO PROENÇA FILHO.

Curso ginasial — 3.<sup>a</sup> série A



OS 5 de novembro de 1849, no município de Freguesia da Sé, na Bahia, nasceu um dos maiores talentos de que se pode orgulhar o nosso querido Brasil. Rui Barbosa. Era filho de João Barbosa e Maria Adélia Simas. Seu pai, desde cedo, interessou-se pela política e era considerado orador de fama, e Rui herdou essas qualidades paternas.

Quando o filho completou cinco anos, João Barbosa considerou-o em idade de iniciar seus estudos, e confiou-o a Antônio Gentil Ibirapitanga, conceituado professor e amigo da família, que em 15 dias apenas, aproveitando a inteligência do genial discípulo, ensinou-lhe a ler, escrever, analisar orações e conjugar verbos regulares.

Anlevendo no filho um futuro orador, seu pai diàrriamente o fazia declamar ou ler longos trechos, ensinando-lhe a pronunciar com voz forte e clara.

Neste programa foi inflexível, o que fez que, aos dez anos, Rui fôsse uma criança triste e amante dos livros, que conhecia regularmente Camões, cujos versos recitava, e que lia Antônio de Castilho.

Após os primeiros estudos, ingressou Rui no Ginásio Baiano, cujo diretor era o Dr. Abílio Borges, muito bemquisto na capital baiana por já haver abolido do seu Colégio a palmatória e os métodos violentos.

Ao terminar o curso, era Rui escolhido orador da turma para a solenidade do encerramento; seu pai, que viera da capital, onde ocupava a tão ambicionada cadeira de deputado, admirou-se tanto da clareza e entusiasmo com que foi proferido o discurso que, dirigindo-se ao Dr. Abílio perguntou-lhe se havia ajudado seu filho. Respondeu-lhe o insigne mestre: "Era essa a pergunta que ia justamente fazer-lhe".

E' então que cai o véu negro da vida do futuro grande orador: falece a sua progenitora, sendo causa de sua morte o desgosto com

a iniciadae repentinamente iniciada, por motivos políticos, entre o esposo e seu irmão.

Em 1864, terminados os preparatórios, Rui não pode ingressar na Faculdade do Recife por não haver atingido a idade exigida.

É um golpe para o estudante, amigo dos livros, que então se consola estudando alemão.

Finalmente, em 1866, consegue iniciar o seu curso jurídico e, em 1870, para satisfazer o pai, que desejava vê-lo perjurista também os bancos da novel Faculdade de São Paulo, para lá se transferir, terminando na capital bandeirante o curso iniciado em Recife.

A herança do espírito paterno começa então a notar-se. Interessa-se Rui por tudo que se relacione com politica, e seus livros preferidos são de autores que discorram sobre Democracia e Liberdade.

Colhe agora Rui os frutos dos esforços feitos na infância. Pela chegada de José Bonifácio, o moço, à capital bandeirante, profere entusiastica saudação ao dia 17 de julho, data magna dos balanos, em homenagem ao homem que, então, vivia no espirito da mocidade como um exemplo.

Rui Barbosa é um liberal; suas idéias politicas transparecem em seus notáveis discursos.

Em 1880 occupa a cadeira de deputado no congresso imperial e, durante o tempo que ali permanece, sobreleva-se aos companheiros pela brilhante defesa das causas que lhe são confiadas e entre as quais se destacam, como principais, no dizer de Fernando Néri, as seguintes: "Defesa da eleição directa", em 21 de junho e "Sobre a Secularização dos Cemitérios", a 27 do mesmo mês.

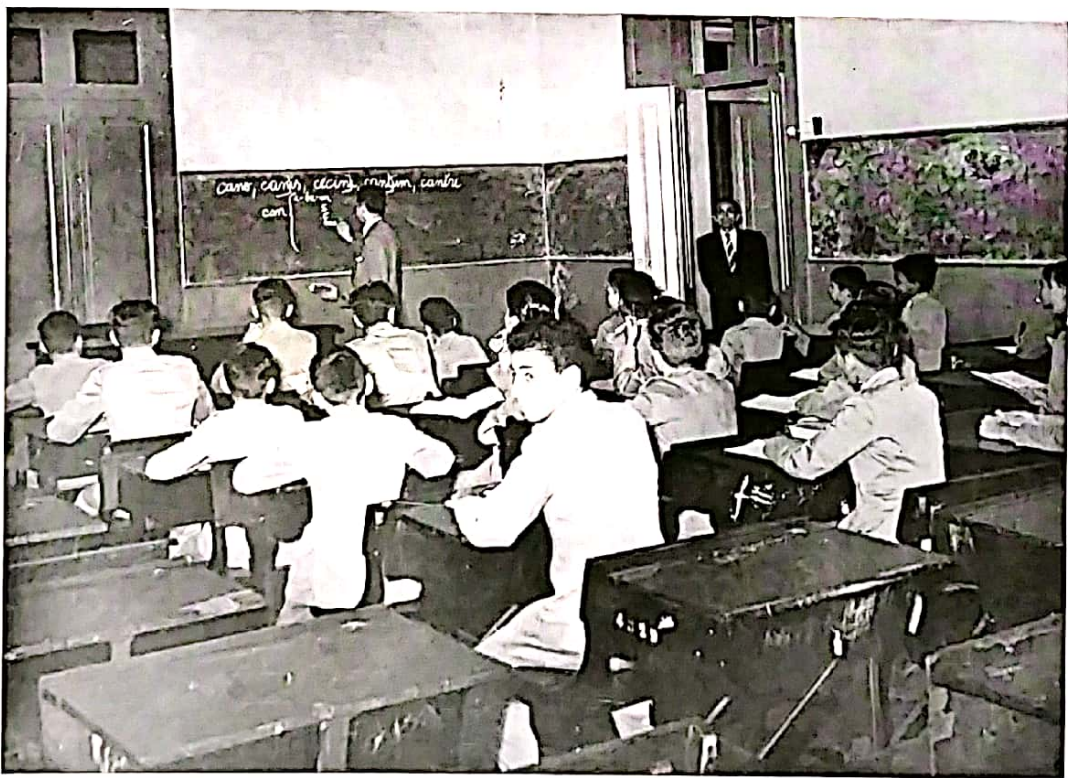
Proclamada a República, Rui, que era pouco simpático a Deodoro, afastou-se dos meios politicos. Continuou, porém, a pregar suas idéias, e, em 1907, no periodo presidencial do Dr. Afonso Pena, foi nomeado Embaixador do Brasil à 2.ª Conferência da Paz, em Haia, onde obteve o seu maior triunfo como orador.

Nesse Concilio, a que compareceram 44 nações de todo o mundo, o orador brasileiro, defendendo sua tese com eloquência, preparando seus discursos com incansável labor, conseguiu sair vencedor e ser aclamado o maior cérebro da Conferência.

A questão discutida versava sobre direito internacional, para assentar teorias que regulassem as relações internacionais, salvaguardando o direito dos povos.

Estavam presentes, diz-nos I. Vianna Filho, as mais potentes nações euripeias, e o Brasil era considerado simples República recém-proclamada. O génio de Rui Barbosa, porém, mostrou o valor dos brasileiros, a principio olhados desdenhosamente, mas no final da Conferência respeitados a ponto de verem classificada sua pátria como a 9.ª potencia mundial.

Discursando em francês com tal perfeição que se julgava estar o delegado da França na tribuna, respondendo aos aparteantes na pro-



Alunos da 1.ª série B numa aula de Latim



Grupo de Inspectores de Alunos. Ao centro encontram-se o Diretor e os Chefes e Sub-Chefes de Disciplina

pria língua em que o apartassem, conseguiu, com sua eloquência de orador e seu espírito de batalhador incansável, a vitória da sua causa e, voltando ao Brasil, foi recebido como ídolo nacional.

Os invejosos e despeitados muito o caluniaram por seus vários discursos nos quais lhes mostrava a verdade dos fatos, embora ferindo a muitos que não desajavam ver estas verdades reveladas, e então, usando da sua notável arma que era a voz unida à inteligência, defendeu-se galhardamente, não hesitando, por vezes, em rasgar o véu da sua vida íntima para mostrar à nação e à sociedade em geral a que alturas estava elevado.

Dois anos após a Conferência de Hala, dá-nos mais uma prova do seu valor, respondendo, no Senado, ao Ministro do Exterior da Argentina, Estanislau Zeballos, que se havia queixado ao governo brasileiro do comportamento do magnífico orador quanto à República vizinha. Com grande sabedoria Rui prepara sua defesa e é tal a magnificência do discurso que Estanislau Zeballos convence-se de que, finalmente, quem se havia portado mal haviam sido os delegados do seu próprio país!

Nas eleições presidenciais do Brasil, candidata-se, mas seu principal adversário, Hermes da Fonseca, usando de meios ilegais, segundo testemunho do próprio Rui, em "Cartas de Inglaterra", consegue vencê-lo.

Depois desta derrota Rui exilou-se voluntariamente e, no exílio, escreveu as suas mais célebres obras.

Entretanto, no Brasil, o coronel Gabriel Salgado que de há muito antipatizava com Rui, escreve nos "apêditos" do "Jornal do Comércio" violentos artigos injuriando o grande brasileiro; este, em uma "Carta à Nação", defende-se brilhantemente, anulando completamente o que havia dito Gabriel Salgado.

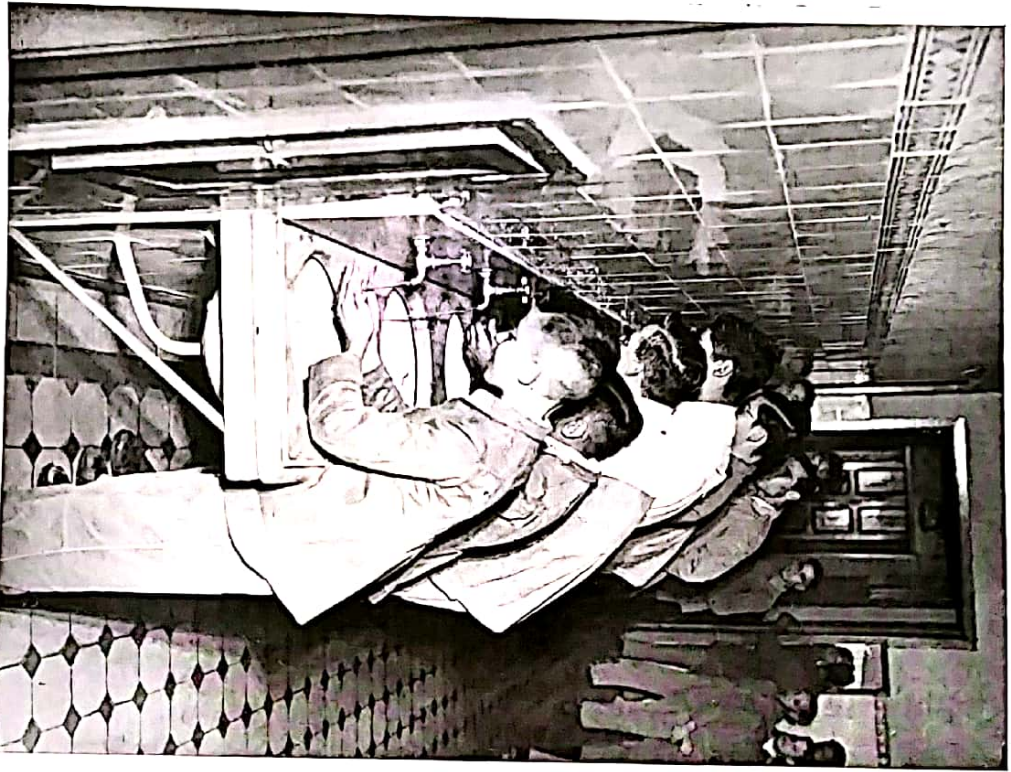
Pelo discurso acima citado, que, no dizer de L. Vianna Filho, é uma das suas obras-primas, pode-se avaliar o espírito combativo do grande brasileiro, cujas idéias ainda hoje perduram, como testemunha do seu gênio, que, posso assim dizer, já antevia, ao longo, o futuro Brasil, e o defendia como a própria vida.

Prestemos-lhe, pois, as homenagens que lhe são devidas, porque realmente as merece.

Honremos a Rui Barbosa, a "Águia de Hala", como foi cognominado, e repliemos como o poeta entusiasmado:

O Brasil flamejava em tua voz gloriosa.

E, ao clarão do teu gênio, a Europa ardeu, radiosa.



Alunos nos laboratórios, após o despertar

## WHY DO I LOVE MY COUNTRY ?

WALTER RORIZ DE CARVALHO.

4ª série ginásial

ANY persons have sought, ineffectively, to explain what is love to the fatherland.

I think it is impossible that there is anyone on the face of our planet who does not love the place of his birth.

Poets speak of the land in which they are born as Paradise and, in spite of not being one of them, I agree with them.

When we are far from our country, we feel a deep sadness invading us, whose name I know to be "longing".

Then we remember her green fields, her rivers, her mountains and we feel an irresistible desire to see them again.

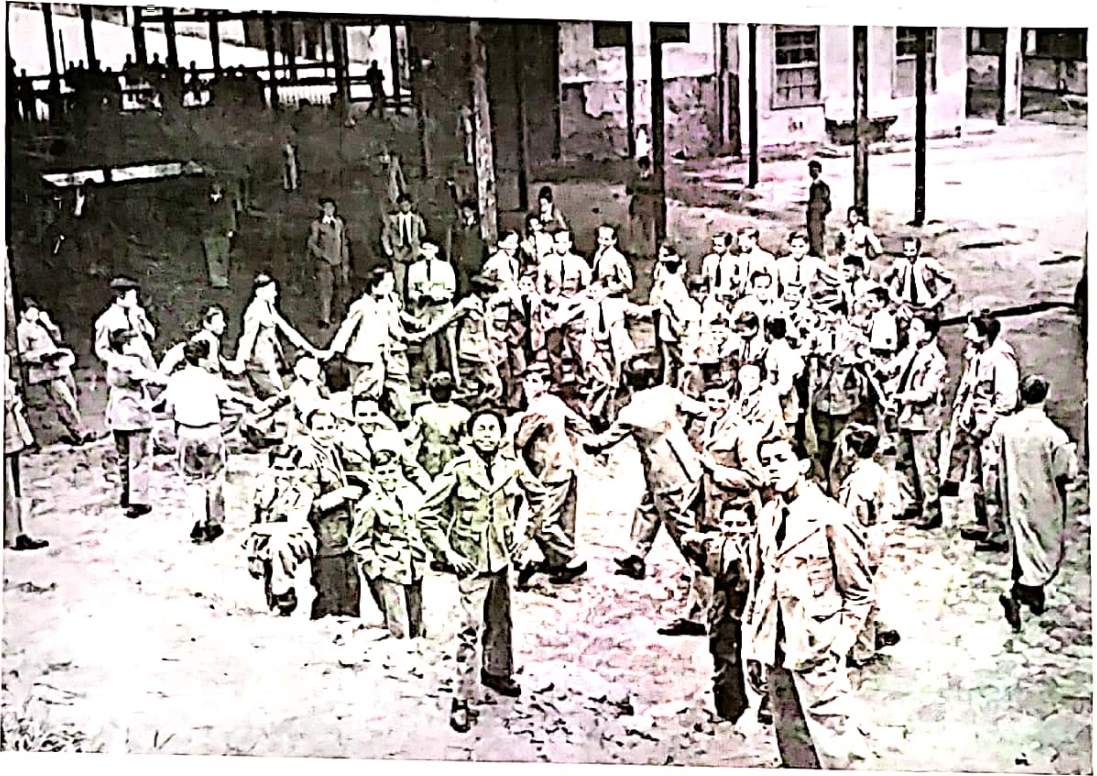
I love Brazil because here began my existence, my life therefore which I will devote to her. It honours me that nature granted me the happiness to be born here, to grow here, and in some future day to die here, if strange circumstances do not interpose themselves.

I love my mother-country and if some day foreigners threaten her integrity, I will make it a question to be one of her most ardent defenders, and if I die, I will be happy to have given my life for her, who has the right to it. If I return, I will be pleased and if need be I will fight for her over and over again.

Another reason why I love my country is on account of the protection that she gives to her children, whether here or in foreign lands. She helps the poor, gives them instruction, in short she improves their lives, so that they can serve her in the most efficient way.

Before and above everything stands my mother-country...

May God bless and protect Thee, Brazil of mine !



Aspecto parcial do recreio

## O PANTEÃO, CAXIAS E A F. E. B.

JÓRIO DE OLIVEIRA.

3.ª série B (ginasial)



INALMENTE o Brasil pode orgulhar-se de possuir um túmulo digno de receber os restos mortais daqueles que, com seu heroísmo, conquistaram, não só a nossa administração, mas também a de toda a Humanidade.

Refiro-me ao soberbo monumento que se ergue na Praça Duque de Caxias (ex-Praca da Republica), em frente ao Ministério da Guerra, monumento esse que, significativamente, ostenta o nome de "Panteão". Sua origem vem de Augusto, primeiro Imperador romano, sobrinho e filho adotivo de César. Proletor das artes e dos literatos, grande amigo de Virgílio, foi Augusto quem ordenou a edificação do primeiro Panteão, templo dedicado a todos os deuses. Atualmente o termo designa monumentos consagrados ao sepultamento dos beneméritos da pátria.

Enfim, no dia 23 de agosto de 1949, foram concluídas as obras desse magno altar da pátria, cujas portas se abririam dias depois para dar entrada aos restos mortais daquele que, em sua existência, se chamou Luis Alves de Lima e Silva. Fêz êle jus a esse prêmio, graças ao amor que dedicou à sua pátria e à tenacidade com que por ela lutou. Nascido em 1803, combateu durante toda a sua vida, e já com mais de 60 anos foi enviado para lutar no Paraguai, de onde lhe veio a glória de, em inúmeras batalhas que travou, nunca ter sido derrotado. Por isso foi escolhido para Patrono do Exército Nacional, e a data de seu aniversário, 25 de agosto, é comemorada como o "Dia do Soldado". Verificou-se sua morte em 1880. Deixou-nos êle grandes exemplos de modéstia e bondade. Em sua memoráveis campanhas de pacificação fazia questão de sofrer as mesmas vicissitudes por que passavam os seus soldados. Certa vez, aguardava, sob chuva abundante, um ataque, quando uma ordenança veio trazer-lhe uma xícara de café bem quente. Caxias, indignado, disse-lhe:

— Não quero; beba-o você, camarada!

Sua última vontade, ao morrer, foi a de ser enterrado juntamente com sua esposa. Este pedido não lhe foi negado, pois seus restos mortais juntos aos daquela que mais amou, se acham no Panteão Nacional, cujas colunas se prepararam para receber mais algumas centenas de heróis, os valorosos soldados da F. E. B., que perderam suas vidas nos campos de batalha da maior catástrofe mundial. Para podermos ter melhor compreensão do heroísmo desses homens é preciso que re-procedamos no espaço.

Corre o ano de 1942. Na Europa trava-se tremenda guerra, mas no Brasil goza-se ainda a paz. Entretanto, em terrível noite um de nossos navios foi afundado nas próximas águas brasileiras, em que, mais tarde, outros quatro mergulhariam para sempre. Não satisfeitos com as traições já praticadas contra outros povos, os adeptos do Eixo resolveram escolher-nos para suas próximas vítimas. Assim fomos atacados por homens que adoravam, não a um Deus, símbolo de todos os povos religiosos, mas a um ditador, cujo único desejo era possuir o mundo a seus pés. E então nosso lítoral tingiu-se de sangue brasileiro, sangue de crianças, homens e mulheres que, despreocupados, e felizes, viajavam, sem saber que tragédia os esperava.

Ferido em seu orgulho, o Brasil não vacilou em revidar a afronta e, imediatamente, ao apelo da justiça, desde o seringueiro do norte ao vaqueiro do sul, surgiram homens dispostos a dar suas vidas em defesa da Pátria ofendida.

Finalmente, entre lágrimas dos que ficavam, 25 mil soldados embarcaram nos navios, rumo aos campos de batalha, com o fim de defender a liberdade dos povos. Jam cumprir alta missão, sagrado dever para com a Pátria e a Humanidade.

Partiram. De um lado pensavam em sua terra natal, que fora traçoiramente atacada perdendo-se vidas; de outro viam o Brasil livre, feliz, seguindo a trilha da Liberdade, trilha esta que por eles seria preparada.

Combateram corajosamente em terras europeias, contra forças experimentadas e em clima adverso. Se, na luta, por alguns momentos fraquejavam, imediatamente recobravam aquele espírito lutador, característico de todo brasileiro, pois como que pareciam ouvir entre o troar dos canhões as célebres frases que, em situações idênticas, outros brasileiros pronunciaram no passado, incitando seus comandados à luta:

— Sigam-me os que forem brasileiros !

— O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever !

E tantas outras que ficaram para sempre na nossa história. Em outras ocasiões eram os acordes do hino de nossa Pátria que os animava à luta:

— “Mas se ergues da justiça a clava forte

Versás que um filho teu não foge à luta...”



Equipe de vóllbol do curso colegial



Equipe de vóllbol do curso ginásial



Jôgo de vollbol entre as equipes dos cursos Colegial e Ginaslal

Mas se isso não bastasse, ia ante êles o ideal por que lutavam, o "auriverde pendão da esperança", tão bem imortalizado por Castro Alves.

Libertando aldeias, vilas e cidades, dignificaram não só o nome do Brasil, mas também o do continente sul-americano. A gloriosa tomada de Monte Castelo foi bem uma demonstração às outras nações do que são capazes os filhos do Brasil, quando está em jôgo o destino do Mundo.

Foi graças a êles e aos seus irmãos de outras nacionalidades em armas que, depois de estar a Europa mergulhada em sangue, durante longos anos, em 1945, afinal, os simos espalharam pelo Globo as radiantes promessas de paz. E numa radiosa manhã, o solo brasileiro se cobriu de flores para receber, de braços abertos, os seus heróis, que voltavam novamente ao berço querido. Mas, entre aqueles irmãos, mães e viúvas que choravam de alegria, havia muitos outros irmãos, mães e noivas que choravam de desespero, porque os seus entes queridos tinham ficado para sempre dormindo o sono eterno, no cemitério de Pistôia. Mas a Pátria não os esqueceu, e são os restos mortais daquelas centenas de heróis, que regressam, nesta era em que lutamos novamente a paz, conseguida graças aos seus sacrifícios. Regressam apenas os ossos, porque a carne, que foi feita do pó, transformou-se novamente em pó.

E, soldado do meu Brasil, que só hoje voltaste, onde estiveres, ouve-me:

— A Bandeira que levaste, tremula, atualmente, ao lado dos pendões vitoriosos das Nações Unidas. Ela, que foi gloriosa no passado, também o é no presente. Tu a fizeste mais linda e esplendorosa, pois, graças ao denodo e ao ardor com que lutaste, a cobriste de glórias. A chegada de teus restos mortais assinata mais um marco para a nossa História, e a juventude de hoje, os homens de amanhã, lábios uníssomos, rogamos pela tua paz, pois em ti palpitou a alma indômita de todos os homens livres. Escreveste, nos campos de batalha páginas memoráveis de patriotismo. Fica certo: tua alma viverá sempre no coração centesimal do povo brasileiro, pois será perene a saudade e comovida a gratidão pelo sacrifício da tua própria vida, em defesa da Pátria e da Liberdade dos povos. Sé benvido, bravo soldado!

Esses são os primeiros a figurar nas galerias do Panteão Nacional e tenho certeza de que, além destes, muitos outros nele figurarão, pois não há brasileiro que se negue a dar a própria vida em defesa da Pátria quando para isso ela lhe é solicitada.



Alunos no recreio disputam uma partida de pingue-pongue

## A TÔRRE DE BABEL

Tradução de FRANCISCO MAURO DIAS.

2ª série do C. Científico



EMPOS atrás dois artigos sobre "Problemas de Tradução", do professor ALUISON PERA, foram publicados nesta revista. Desde então temos recebido cartas do exterior contando-nos como esses problemas estão sendo encarados em outros países. Uma, de Mr. J. B. POLAK, que publicamos em novembro, dizia-nos o que se estava fazendo na Holanda. Neste número damos alguns extratos de uma interessante missiva enviada por um estudante austríaco, na qual ele revela que seu país vem realizando um trabalho pioneiro neste campo de estudo. suspenso quando das reviravoltas políticas e econômicas. Podemos esperar que similar atenção seja brevemente dedicada a esta questão em todos os países tanto nos grandes como nos pequenos, e com igual carinho.

É interessante notar o valor que se dá na Áustria à matéria de estudo de línguas; não é menor esse valor que o da língua mesma. Exige-se do estudante de francês, inglês ou espanhol, ou de qualquer outro idioma, o conhecimento das instituições e costumes do povo do qual essa língua é nativa; ele deve conhecer, quanto possível, o povo que a fala e nela pensa, e não somente o seu vocabulário, sintaxe e idiossincrasias. O estudo de línguas é mais importante hoje do que tem sido, porque a diversidade de línguas é uma das barreiras ao intercâmbio efetivo e à cooperação entre as nações. Mas a língua mesma é apenas uma ponte. Conhecer superficialmente uma língua não é bastante. Isto pode ser suficiente às necessidades mais simples de comércio e turismo, mas, como instrumento de comunicação, só poderá servir inteiramente o seu propósito se o que fala ou escreve imbuir-se do espírito daqueles que usam essa língua como de uma compreensão de seus modos habituais de pensar e sentir.

As barreiras de um idioma não são meramente lingüísticas. Em artigos sobre bi-lingüismo que têm recentemente aparecido nestas páginas, mostrou-se que o caráter todo de um povo encontra certa forma de expressão na sua língua, e que só a ficamos conhecendo bem quando

penetrarmos a consciência social do povo a que ela pertence; tornam-nos senhores dela e de todas suas mais significativas imagens, quando assimilamos o hábito mental característico dessa nação estrangeira. Conseguir isso é ir além da maioria dos estudantes, mas o ideal é que se aspire a isso. A língua é uma barreira entre as nações, não somente porque impede o comércio e as amenidades do turismo, mas porque suas diferenças correspondem às diversidades do pensamento e do sentimento, que os povos devem aprender a apreciar se quiserem viver em paz uns com os outros. O autor destes artigos fala de uma pessoa bilingüe, isto é, uma pessoa que fala e pensa com igual facilidade em duas línguas, como se tivesse duas personalidades, com dois grupos de associação partindo em cada caso do caráter social de um povo e de tudo aquilo que sua língua significa. Uma pessoa bilingüe foi apresentada como alguém que, com a troca de língua, passou de uma forma característica de pensar para outra, igualmente característica, mas diferente.

Isto não quer dizer que um verdadeiro internacionalismo levaria à extinção dessas diferenças de mentalidade. Uma nação tem sua personalidade, e idiosincrasias, como as tem um indivíduo, e procurará desenvolver-se e expandir de acóirdo com seu gênio peculiar.

O que importa internacionalmente é que esta mentalidade não se restrinja às suas próprias fronteiras, excluindo por receios infundados a luz que possa vir de fora, ou sem entender ou simpatizar com outras personalidades que constituem a grande comunidade humana. Não podemos esperar que muitos se tornem bilingües ou poliglôtas, mas aqueles que o são constituem um meio de ligação entre as nações; outros aprenderão com eles ou quebrarão algumas das barreiras por meio do conhecimento da língua, embora pequeno, ou, se isto falhar, por meio do estudo da história, da filosofia, leis e costumes, descobrindo por este modo o que é diferente e o que é idêntico, o que é peculiar a esta ou àquela parte da raça humana, e o que é fundamentalmente comum a todos.

Quanto mais perto se chega ao âmago da raça humana e aos seus elementos, tanto mais se descobre a sua comunidade.

A importância, então, do estudo de línguas nesta era de internacionalismo é bastante óbvia. Mas há muitas outras barreiras, como no caso dos estudos lingüísticos, que não deviam ser esquecidos pelos educadores. Um dos maiores perigos que devem ser enfrentados na educação moderna é o que provém do "especialismo" excessivo. O "especialismo" é necessário. Devemos preparar muitos cientistas nas escolas e universidades, pois na ciência está a solução de uma grande proporção dos mais insistentes problemas nacionais dos nossos dias. Precisamos de bons economistas, pois sem eles o mundo não se desembaraçará da desastrosa situação econômica em que se mergulhou. Mas ciência e economia não existem no vácuo. O esqueleto destes estudos não é suficiente. Para que seja útil deve ser revestido de carne humana

e animado de pensamentos e emoções humanas. As agências através das quais os economistas têm de trabalhar são seres humanos tangíveis por inúmeros desejos humanos; o homem chamado economista não existe senão em função do homem completo, em cuja composição entra tudo aquilo que constitui a natureza humana. Desde que a raça humana cada vez se deixa governar por cientistas e economistas, é essencial que eles sejam mais do que cientistas, e economistas; sejam também educados tanto quanto possível em humanidades. As leis de economia não podem ser propriamente aplicadas sem que se entenda que homens e mulheres não são simplesmente autómatos econômicos.

Este é um fato que o educador deve levar em conta. Ele deve ver que os milhares de moços e moças que são enviados anualmente para as universidades a fim de estudar ciências, não tinham suas mentes obstruídas por excessivo "especialismo"; e as universidades devem ver que os estudantes que estão fazendo o curso de ciências e economia política não sejam divorciados do interesse em humanidades, ou permitidos se desenvolvam em compartimentos estanques tão rigidamente fechados que eles se tornem máquinas científicas de pensar, incapazes de pensar senão por meio mecânico. Os problemas do mundo contempórâneo são problemas humanos; eles exigem ciência para sua solução, mas a ciência só será bem sucedida se tomar em consideração a infinita variedade da natureza humana. A ciência está atenta à necessidade de compreensão entre os povos. Em um jantar no Pilgrim, oferecido em Londres, dezembro último, supervisionado pelos Ministros Estrangeiros da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França, esta nota se fez ouvir em vários discursos. Falando do povo da América, Mr. Bevin, secretário de Relações Exteriores da Inglaterra, disse: "Eles são homens comuns como nós mesmos e suas ações surgem do mesmo modo que as nossas... Nossa aproximação básica do futuro é a mesma, e nós, instintivamente, nos entendemos reciprocamente... Assim como nós, Ingêleses e Americanos, nos entendemos uns aos outros, assim desejamos que se torne universal esta nossa compreensão". Igualmente Mr. Marshall, secretário de estado, americano, disse: "Devemos superar nossas dificuldades no que podia ser denominado uma conquista espiritual de nossas presentes fraquezas e fragilidades. Nós temos dificuldades ideológicas, mas a maior dificuldade, eu assim penso, reside na apatia espiritual que não é senão um resultado natural dos horrores sofridos durante os últimos anos". Mr. Marshall, também, viu o remédio na compreensão — as barreiras que tem sido em parte lingüísticas, em parte psicológicas; também remédios têm sido tentados frequentemente por homens espiritualmente mal equipados. Nihil humani alienum a me puto — que é certamente uma boa máxima para todos os professores em todas as escolas ou universidades, não importa qual a matéria.

(Tradução do editorial da revista "Britain To-Day", de fevereiro de 1948).

Documentário

## A SERVIÇO DO HUMANISMO



OS anos posteriores ao de 1933, as ruas marginais do «Tiergarten» mudaram radicalmente seu aspecto.

Os novos senhores ocuparam a parte mais bela do antigo oeste de Berlim e o denominaram «Bairro Diplomático», fixando aí sua cõrte com tãda a arrogância do «parvenu». Quem estava nas boas graças dos magnatas de então ambicionava ficar-lhes nas cercanias e foi assim que a firma Krupp construiu, no terreno n.º 31 da rua Tiergarten, a casa Krupp, que ficou pronta no ano de 1938. Numa ala especial havia aposentos para os diretores da fãbrica, que eventualmente conferenciassem em Berlim. A escada de entrada, feita de precioso mármore travertino, conduzia para os aposentos particulares da família.

A própria senhora Bertha Krupp encarregou-se da instalação. Aí se realizaram reuniões sociais que emprestaram ao Estado de Hitler um falso brilho, porquanto no país decaía a cultura e o rãgimen combatia a educação, as igrejas e as escolas.

No ano de 1940 há em a nova rua de Kant um colãgio vazio e abandonado: é o colãgio Canisto, no lago Lietzen, fundado pela ordem dos Jasuitas, que, após uma existãcia de 15 anos, foi obrigado a cerrar suas portas antes mesmo de expirar o prazo fixado pelas autoridades, por não reconhecerem estas utilidade pública no mesmo. O prãdio foi destruído durante a guerra.

O Revdo. Pe. Klein, Diretor do colãgio desde o ano de 1936, torna-se capelão do exãrcito. Tendo sido dispensado por ser jesuita foi nomeado vigãrio da igreja de São Clemente, perto da estação de Anhalt, que o bispo conde Galen construira no ano de 1911.

Na antiga «casa dos operãrios solteiros», que faz parte da parãquia, vive agora harulhenta a S. S. e a igreja serve de guarda-mãveis. No recinto da Casa dos Operãrios Pe. Klein reabre o ginãsio em 1.º de junho de 1945, instruindo assim mais de 300 alunos distribuídos em 9 classes. A casa torna-se, dentro em pouco, pequena. A procura de um prãdio adequado para ginãsio encontra, afinal, em meio ao deserto de ruínas, a Casa Krupp. Estã bastante danificada porã permitte concertos e regular adaptação para os fins a que se destina. As negociações são

bem sucedidas e, em maio de 1947, podem ter início os reparos necessários. Ao iniciarem-se as aulas, a 1.ª de outubro de 1947, com 495 alunos, o colégio reabre com seu primitivo nome: «Colégio Canisius», dedicado a Pedro Canisio, que no século XVI foi um dos maiores educadores da Alemanha e que fundou as primeiras escolas jesuítas.

O «Colégio Canisius» representa um tipo de colégio pouco comum em Berlim e muito menos na zona russa de ocupação... Os 350 novos pedidos de matrícula, para o ano letivo vindouro, demonstram sobrejamente quanto os pais desejam para seus filhos a instrução humanística. Levando em conta, porém, que só há 120 vagas, haverá, certamente, rigorosa seleção.

Um aluno que no seu boletim do curso preliminar não apresente a nota «bom» em alemão e matemática, não pode concorrer. Em geral os alunos são católicos, porém impera aí a liberdade de credo, havendo estudantes protestantes aos quais é ministrada aula de religião por um pastor protestante.

Os filhos de operários e os componentes da classe média, que prosperaram graças ao seu próprio esforço, têm notória preferência. Doze padres e outros tantos leigos lecionam. As classes dos menores são confiadas a pedagogos experientados. As salas de aulas são claras, os corredores arrojados, a grande sala de desenho recebe a luz direta do noroeste.

No porão acham-se instaladas as salas de Física e Química e os respectivos gabinetes de experiências. O Pe. Klein dá muita importância às oficinas de carpintaria e mecânica de precisão. A prática manual nas oficinas ensina aos jovens o trabalho assado e cuidadoso. Da mesma forma cultivam-se a música e o esporte. O grande pátio, cercado de belas e velhas árvores, é um lugar ideal para o esporte. O Diretor tem conceito favorável acerca da capacidade mental dos jovens estudantes desse colégio. Ele não compartilha da opinião de muitos outros educadores de que a mocidade carece da necessária concentração.

No «Colégio Canisius», os alunos recebem aulas diárias de latim. Nada melhor existe para aumentar a faculdade de concentração que o exercitar cotidiano da língua latina, a língua «mais disciplinada» que há, no dizer do Pe. Klein, e, naturalmente, associa-se à disciplina espiritual a disciplina exterior.

VILMA JELLINEK

(O presente artigo foi publicado em alemão no "Deutsche Nachrichten, sob o título "Im Dienste des Humanismus".



ERTIL foi o ano de 1949 em comemorações de centenários de nascimento. Entre outros, tivemos o do grande Rui Barbosa, a 5 de Novembro. Mas, para o Internato do Colégio Pedro II, a efeméride mais importante foi o centenário de nascimento de um de seus ex-alunos — o bacharel em ciências e letras de 1865, JOAQUIM AURELIO NABUCCO DE ARAÚJO.

Filho de José Tomás Nabuco de Araújo e de D. Ana Benigna Barreto Nabuco de Araújo, na então Província de Pernambuco, cidade do Recife, nasceu, em 19 de agosto de 1849, aquêle que, no cenário nacional, iria ser o agitador máximo da Abolição.

Depois de completar, com brilhantismo, o curso de humanidades, bacharelando-se em ciências e letras no Colégio Pedro II, cursou durante três anos a Faculdade de Direito de São Paulo e foi concluir o curso jurídico em sua cidade natal, em 1870.

Foram seus colegas de terceiro ano na Faculdade de Direito de São Paulo: Rui Barbosa, Castro Alves, Afonso Pena e Rodrigues Alves.

Em 1871, iniciou a vida profissional no escritório de advogado de seu pai. Mas a sua passagem foi curta em virtude de escrúpulos. Vejamos o que nos conta a respeito Carolina Nabuco, sua dileta filha:

«Numa das primeiras causas de que se encarregara e pela qual se vinha interessando, êle estava já perante o juiz. Só então teve conhecimento de um fato que mudava o aspecto do caso. Seu cliente lhe havia escondido que existira um herdeiro reconhecido para o legado que reclamava; uma criança morta alguns minutos depois do nascimento e cujos direitos passavam à mãe. O jovem advogado, sem se preocupar com a assistência declarou ao seu constituinte que êle o havia ltuído e que a reclamação era injusta. Foi dali dizer ao seu pai que a carreira não lhe convinha».

Em 1875, no «Globo», a propósito do drama «Jesuítas», de José de Alencar, critica acerbamente o seu autor.

Em 1876, é nomeado adido de legação em Washington. Tem por companheiro Saldanha da Gama.

Em 1879, é eleito deputado geral por Pernambuco e inicia a sua grande campanha em prol da Abolição. Entre outros, participaram da campanha André Rebouças e José do Patrocínio.

JOAQUIM NABUCCO

De 1881 a 1884 viaja pela Europa.

Em 1885, após memorável campanha em Pernambuco, retorna à Câmara sob uma chuva de flores e inicia grande movimento que espera levar ao fim com tanto entusiasmo quanto o da abolição — é o da federação das províncias.

Em 1888, em seguida à abolição, toma a seguinte decisão: «E' preciso me bater pela princesa, a nossa Lincoln, como me bati pela abolição».

Seu liberalismo político levou-o a afirmar: «Se alguém me perguntar se sou monarquista ou republicano, em princípio, eu mesmo não sei responder».

Com a proclamação da República em 1889, retirava-se da vida pública e, no recesso do lar, medita e escreve seus grandes livros. Carolina Nabuco recorda, neste passo, a fundação do «Jornal do Brasil», em cuja redação Nabuco encontra as inteligências irmãs de Rodolfo Dantas, Sancho Pimentel, Gusmão Lôbo e Ulisses Viana.

Retorna então à vida de advogado e com João Alfredo abre um escritório, que, pouco depois, teve de fechar por se ter tornado suspeito às autoridades policiais em virtude de não se reunirem vários monarquistas. Passa a frequentar a redação da «Revista Brasileira» da qual viria a surgir, pelos esforços de Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, José Veríssimo e dele próprio, a Academia Brasileira de Letras. Quem pronunciou o discurso de instalação da Academia foi o seu secretário-geral — Joaquim Nabuco.

Campes Sales foi o presidente que conseguiu trazê-lo de novo à vida pública, nomeando-o nosso advogado na causa que tínhamos com a Inglaterra, a respeito dos limites que a Guiana Inglesa reivindicava na região do Pirara.

Passou depois a ser embaixador do Brasil em Londres e, logo após, em 1905, em Washington. Nesta capital da América do Norte, desfrutou de raro prestígio. Em 1906, voltou ao Rio, para presidir, de julho a agosto, à 3.ª Conferência Pan-Americana. Sua atuação, o idealismo de suas palavras, a sabedoria de seus conceitos, tudo isso já fazia entrever o desenrolar ulterior da política do nosso continente, prenunciando os admiráveis frutos do pan-americanismo atual.

Representando o Brasil, em 1909, foi assistir à restauração do governo nacional de Cuba, e depois assinou várias convensões de Arbitramento com os Estados Unidos, Panamá, Equador, Costa Rica e Cuba.

Em 17 de janeiro de 1910, extinguiu-se a vida desse inolvidável brasileiro, honra e glória do Internato do Colégio Pedro II.

Na comunicação que o embaixador Jusserand fez ao governo francês a respeito da morte de Nabuco, há esta passagem:

«De há muito ao serviço de seu país, que fez honrara pela nobreza de seu caráter, seu alto senso de justiça e uma elevação de vistas que nenhuma consideração de ordem pessoal jamais conseguia alterar, o

Sr. Nabuco era cercado aqui da estima e, posso dizer, da admiração universal».

Dentre os seus 66 diferentes trabalhos, salientamos os mais importantes:

- *L'amour est Dieu*, poesias líricas.
- *Canções e Os Lusíadas*, Rio, 1872.
- *Le Droit au Meurire, lettre à M. E. Renan*, Rio, 1872.
- *Castro Alves* (30 páginas), Rio, 1873.
- *O Abolicionismo*, Londres, 1883.
- *Henri George*, Rio, 1884.
- *Campanha Abolicionista no Recife*, Rio, 1885.
- *O Erro do Imperador*, Rio, 1886.
- *Escravos*, versos franceses com versão portuguesa, Rio, 1886.
- *Porque continuo a ser monarquista*, Londres, 1890.
- *Balmaceda*, Rio, 1895.
- *A intervenção estrangeira durante a revolta*, Rio, 1896.
- *Um Estadista do Império*, Rio, 1899.
- *Minha Formação*, Paris e Rio, 1900.
- *Essaios e Discursos Literários*, Rio e Paris, 1901.
- *Pensées Detachées et Souvenirs*, Paris, 1906.
- *L'Option* (drame en cinq actes), Paris, 1910.
- *Discursos e Conferências nos Estados Unidos*. Tradução do inglês de Artur Bomblar.

## HISTORICO ESCOLAR DE JOAQUIM AURELIO NABUCO DE ARAUJO \*

2.º ANO (1880)

MATERIAS	1.º TRIMESTRE		2.º TRIMESTRE		3.º TRIMESTRE		Resultado final dos exames
	Aplicação	Comportamento	Aplicação	Comportamento	Aplicação	Comportamento	
Latim .....	B	B	B	B	B	B	D
Francês .....	B	B	B	B	B	B	D
Inglês .....	B	B	B	B	B	B	D
Geografia .....	B	B	B	B	B	B	D
História Sagrada .....	B	B	B	B	B	B	D
Matemática .....	B	B	B	B	S	B	D
Frequência .....	1 falta justificada em fevereiro						

(Continua)

\* Nota: — Internato ao divulgar o historico escolar de Joaquim Nabuco teve o unico intuito de prestar esclarecimentos sobre as actividades reais desse grande brasileiro, quando aluno do Colégio Pedro II. As informações e quadros acima foram fornecidos pelo dr. Celso Lelito, arquivista do Internato.

3.º ANO (1861)

MATERIAS	1.º TRIMESTRE		2.º TRIMESTRE		3.º TRIMESTRE		Resultado final dos exames
	Aplicação	Comportamento	Aplicação	Comportamento	Aplicação	Comportamento	
Latim .....	S	B	B	B	B	B	D
Francês .....	B	B	B	B	B	B	D
Inglês .....	B	B	B	B	B	B	D
História Sagrada .....	S	B	B	B	S	B	P
Geografia .....	B	B	B	B	B	B	D
Matemática .....	S	B	M	B	M	B	P
Frequência .....	7 faltas justificadas durante o ano, e 2 não justificadas em fevereiro						

4.º ANO (1862)

Latim .....	B	B	B	B	B	B	B	D
Francês .....	B	B	S	S	B	S	B	D
Inglês .....	B	B	S	S	B	S	B	P
Alemão .....	B	B	B	B	B	B	B	D
História I. Média .....	B	B	B	B	B	B	B	D
Matemática .....	S	B	B	B	B	B	B	P
Geografia .....	S	B	B	B	B	B	B	P
Frequência .....	5 faltas em maio e 15 em setembro. Justificadas							

5.º ANO (1863)

Latim .....	B	B	B	B	B	B	B	B	P	
Grego .....	S	D	S	S	B	S	B	B	S	
Inglês .....	B	B	B	B	B	B	B	B	D	
Física e Química .....	B	B	B	S	B	B	B	B	P	
Matemática .....	B	B	B	B	B	S	B	B	P	
História I. Média .....	B	B	B	B	B	B	B	B	P	
Italiano .....	B	B	B	B	B	B	B	B	P	
Alemão .....	B	B	B	B	B	B	B	B	P	
Frequência .....	3 faltas justificadas em outubro									

6.º ANO (1864)

MATERIAS	1.º TRIMESTRE		2.º TRIMESTRE		3.º TRIMESTRE		Resultado final dos exames
	Aplicação	Comportamento	Aplicação	Comportamento	Aplicação	Comportamento	
Latim .....	B	B	B	B	B	B	P
Grego .....	S	B	B	B	B	B	D
Filosofia .....	B	B	B	B	B	B	D
História Moderna .....	B	B	B	B	B	B	P
Retórica e Gramática Filosófica .....	B	B	B	B	B	B	D
Alemão .....	B	B	B	B	B	B	D
Italiano .....	B	B	B	B	B	B	D
Frequência .....	2 faltas justificadas em agosto						

7.º ANO (1865)

Latim .....	B	B	B	B	B	B	B	B	
Grego .....	B	B	B	B	B	B	B	B	
História do Brasil .....	B	B	B	B	B	B	B	B	
Filosofia .....	B	B	B	B	B	B	B	B	
História Natural .....	B	B	B	B	B	B	B	B	
Poética e Literatura .....	B	B	B	B	B	B	B	B	
Alemão .....	B	B	B	B	B	B	B	B	
Italiano .....	B	B	B	B	B	B	B	B	
Frequência .....	30 faltas justificadas e 3 não justificadas								

Os exames do 7.º ano não foram prestados no Internato.

- ABREVIATURAS:  
 D = Distinctivo  
 P = Penitente  
 S = Sotilvel  
 M = Mau (nota máxima)  
 M = Mau.



Parte da assistência numa solenidade recreativa

## DISCURSO DO SENADOR SANTOS NEVES SÔBRE O INTERNATO PEDRO II



SENADOR SANTOS NEVES, que tem demonstrado grande interesse pelo Colégio Pedro II, justificou da tribuna do Senado a emenda por ele apresentada ao orçamento do Ministério da Educação, a qual virá permitir a construção do novo edifício. É importante assinalar que o Senado concedeu a inclusão no orçamento de Cr\$ 9.000.000,00 (nove milhões de cruzeiros), sendo seis milhões para desapropriações de imóveis e três milhões para o início das obras. A Câmara dos Deputados aprovou a emenda do Senado e o Sr. Presidente da República já sancionou o orçamento para o exercício financeiro de 1950, no qual se encontra a aludida dotação destinada ao Internato do Colégio Pedro II.

Foi o seguinte o discurso de S. Ex. o Sr. Senador Santos Neves:

"Sr. Presidente, há cerca de 110 anos, em oportunidade como esta, quando se discutia no Senado o orçamento do Império, inflamou-se, de súbito, o ple-nário, numa explosão de vivos debates, nos quais se alevantaram as vozes respeitáveis e austeras, de Diogo Feijó, Barbaeana, Parraguá, Bernardo Vasconcelos e do próprio Conselheiro Manuel Antônio Galvão, que ocupava o honroso posto de Ministro do Império, na regência de Araújo Lima.

O rasilho provocador daquele remoto episódio, já sepultado no imenso chancel dos arquivos parlamentares, brotara, como muitas vezes acontece, de simples faúlha, insignificante e fugaz. Resultara, apenas, da discussão de emenda apresentada pelo Senador Ferreira de Melo, que mandara suprimir do orçamento a dotação de dezoito contos, moeda da época, destinada à manutenção do Colégio Pedro II.

Por trás daquela sugestão, tão simples na aparência e tão inofensiva na forma, ocultava-se, no entanto, uma atitude de hostilidade política da oposição, insultada pelo espírito de visível reatância daqueles que se revelavam aliados, após quase um ano decorrido do decreto imperial, contra a transformação do então auspicioso estabelecimento oficial de ensino. Por vários dias prolongou-se a discussão acesa e apaixonada. O Padre Ferreira de Melo verbera acerbamente o governo por ter criado o Colégio sem autorização legislativa para fazê-lo. Secunda-o Feijó, lançando entêrgico apelo ao Ministro para que "por honra do Senado o dever seu", não consentisse no prosseguimento do educandário ilegalmente criado. O Marquês de Barbaeana sobe à tribuna para afirmar ser o Colégio, no seu entender, "o estabelecimento mais importante e mais útil fundado pelo gabinete de 19 de setembro", o legítimo "momento de glória do seu fundador", acrescentando austestamente "eu sentirei muito que esta instituição pereça". Concordando o Senado com a retrada da emenda Ferreira de Melo, Vergueiro e pronto a renova, reabrindo-se os debates. Foi então que se levantou a voz de Bernardo de Vasconcelos autêntico criador da grandiosa

obra que, com serena altivez, assevera não ter dúvida em voltar favoravelmente a emenda porque "para sua manutenção e despesas do Colégio Pedro II dispunha graças orçamentárias". Relata então, em suas minúcias, o histórico do colégio salientando o zeloso desvio aplicado na organização de seus estatutos, cuja inspiração buscara nos sistemas de ensino dos colégios da Prússia e da Holanda, assim como nas reformas operadas na França por Napoleão e adaptando-as todas "às circunstâncias nacionais". Já tripego e quase inválido, comove o Senado, no início de sua oração, pedindo licença ao Presidente para falar sentado: "não só agora como sempre, porque o meu estado de saúde não permite fazê-lo de outro modo". E assim venceu ele aquela batalha parlamentar. A emenda supressiva foi rejeitada, evitando-se que o Colégio Pedro II sofresse perigoso colapso do qual resultaria, talvez, o seu aniquilamento definitivo. A palavra de Fé venceu o desalento, o espírito construtivo destruiu argumentos demolidores, e a voz de um moribundo salvava assim a vida da novel instituição.

Fundado em 2 de dezembro de 1837, na própria data aniversária do Imperador, e sob o patrocínio de seu augusto nome, teria o Colégio Pedro II, de ali para a frente, a solicitude vigilante e compreensiva de Sua Majestade, que era, no dizer do Conselheiro Silva Maia, o superintendente de criação do Colégio. Esses cuidados paternos do Soberano permaneceram constantes e inmutáveis, sobrevivendo aos ministros que passaram, até o trágico momento do seu exílio final. Sua sereníssima presença, como recorda Escorregolle Doria em sua excelente monografia, era assinalada constantemente por um toque especial de silêncio, já familiar a todos os colégios. Visitava as aulas, interrompidas em sua homenagem, não com formalidade e cortesia, mas detendo-se, demoradamente, em curiosas inspeções, levando o seu interesse ao ponto de arguir pessoalmente o decúrio de cada classe. As solenidades de formatura sempre comparecia, acompanhado de sua família e de altos titulares da Corte, como assidua era a sua visita por ocasião dos concursos para o provimento das diversas cadeiras. E isso aconteceu até as vésperas da proclamação da República, quando, para assistir às provas do concurso de inglês, lá esteve na tarde de 14 de novembro de 1889, como se os secretos desígnios da Providência lhe orientassem os passos noticiando-os para a derradeira despedida ao Colégio que tanto estremeceira.

Foi esse, sem dúvida, o período áureo de maior prestígio desfrutado pelo Colégio Pedro II. Proclamada a República, uma série de reformas teria que se operar nos diversos setores das atividades administrativas do país. Uma delas, inspirada por Aristides Lóbo, transformava o Colégio em Instituto Nacional de Instrução Secundária. Mais tarde Benjamin Constant redige, de próprio punho, nova reforma do ensino e adota para o Colégio a denominação de Ginásio Nacional, mantendo-lhe, porém, a antiga divisão em Interno e Externo. Só em 1909 era estabelecido, para o Externo, o tradicional nome de Colégio Pedro II, enquanto o Interno recebia a nova alcunha de Colégio Bernardo de Vasconcelos, denominação que pouco perturba, contudo, vindo a desaparecer depois para dar lugar ao nome primitivo que se conserva até hoje.

Apesar de todas as modificações e reformas, malgrado ter permanecido aquela instituição fiel ao seu glorioso destino de servir de legítimo berçário à inteligência e cultura de várias gerações de moços, e muito embora pudesse sempre contar, à frente de sua Retoria, com a dedicação desvelada de autênticos luminares da pedagogia do porte de Cabrita, Raja Gabaglia, Araújo Lima, Carlos de Laet e tantos outros, nem por isso, força e confissão, foi possível à República conservar e aprimorar o brilho e fastígio que ostentava antes o velho educandário imperial. Sobretudo no que diz respeito às suas instalações e acomodações que não puderam acompanhar, nem de longe, o surto de ascensão

e a marcha triunfal do País na espantosa trepidação de seu Ingente progresso.

Os acanhados e velustos casarões nos quais funcionam, ainda hoje, as aulas do Colégio Pedro II, tanto no Externo, como no Interno, são profícos sem conforto e sem higiene, absolutamente impróprios para abrigarem as glórias do secular estabelecimento. Deles ainda se poderia repetir hoje a frase do Bispo de Aremúria, primeiro reitor do Colégio, logo após a sua instalação no velho Seminário de São Joaquim: "o estado do edifício é incompleto para o seu destino".

Sr. Presidente — Tive oportunidade de visitar recentemente, levado pelas mãos amigas de Austregésilo Alade, e em companhia do General Dimas Siqueira de Menezes, o velho prédio, em São Cristóvão, onde se acha localizado o Interno Pedro II.

E confesso ao Senado, sem nenhum constrangimento, que dali sai com a alma amargurada e o coração condolido em face da tremenda realidade do nosso decaído e da nossa espantosa indiferença de brasileiros pela sobrevivência daquele famoso educandário, que os seus inspiradores do Império souhavam transformar em "um estabelecimento a todos os respeito dignos do século".

Salas de aula sem espaço e sem luz, dormitórios superlotados e sem conforto, rouparia pobre e insuficiente, cozinha e refeitório que, apesar das reformas ultimamente introduzidas, são modelos de mau gosto e de negligência, instalações sanitárias precaríssimas, material escolar obsoleto e quase imprévisível, sem um auditório para as classes nem sequer um médico para curar dos alunos enfermos, tudo isso casarão cheio de rememoras, e que, assim mesmo, ostenta o pomposo título de Colégio Padrão do Brasil. Para éle convergem, atraídos pelas civilidades de sua fama, jovens de todos os recantos da Pátria, que, se ali enriquecem a inteligência pela cultura haurida de competentes e experienteados mestres, certamente ficaram mais pobres em suas esperanças e entusiasmos, traumatizados pela contundente realidade das nossas profundas deficiências, e perplexos e desalentados ante a visível e irre-mediável incuria administrativa.

Ao deixar os umbrais daquela Instituição, assumi, Sr. Presidente, para comigo mesmo, o compromisso de pugnar por uma solução definitiva que venha por um parafuso ao crinhoso abandono em que tem vivido.

E' o que faço neste instante ao passar às mãos de V. Excia. uma emenda, assinada também por ilustres membros desta Alta Câmara Federal e cujo objetivo é incluir no Orçamento do Ministério da Educação e Saúde dotações suficientes à imediata desapropriação dos imóveis indispensáveis à expansão do Colégio, no Campo de São Cristóvão, e no breve início da construção de um edifício destinado ao Interno do Colégio Pedro II.

A ocasião é azada para fazê-lo. O Ministério da Educação acaba de elaborar um projeto para a construção do novo edifício que já foi decididamente aprovado pelo Sr. Presidente da República, tendo também sido baixado recente decreto de desapropriação daqueles imóveis. Na direção do Interno, auxiliado de perto pela sua ilustrada Congregação, se encontra o espírito moço e entusiasmado do Professor Vaudick Londres da Nóbrega, cuja dedicação e operosidade constituem valioso penhor da realização urgente dessa imponente obra.

Sr. Presidente, ao relembrar, no início desta oração, o episódio parlamentar que, há mais de um século, ocorreu no recinto do Senado, quando, em ocasião como esta se cuidava das tarefas orçamentárias da Nação pretendi somente que a minha modesta e obscura voz servisse apenas para reavivar as esplêndidas ressonâncias daquele remoto e dramático apêlo de Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Que a voz allissonante daquele grande brasileiro, vencendo o tempo e a distância e surdindo dos misterios insondáveis do além-vida, ressoe de novo nas consciências vigilantes dos nobres membros desta Casa do Parlamento, conchamando-lhes os votos da aprovação à emenda por nós apresentada, e permitindo assim que seja em breve levantado o majestoso edificio, no qual resurgirão, para todo o sempre, em benefício da esperanzosa juventude de nossa terra, os louros e as glórias tradicionais do secular e benemerito Colégio Pedro II. (Muito bem ! Muito bem !)



A vida no Internato

## ○ PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITA ○ PEDRO II



ARA todos aquêles que vivem intensamente as glórias do Colégio Pedro II, o dia 2 de dezembro de 1949 tornou-se, doravante, uma efeméride inesquecível para os fastos do estabelecimento padrão do ensino secundário no Brasil.

Presidido por S. Excia. o Sr. Presidente da República, General de Exército Eurico Gaspar Dutra, realizou-se no edificio do Internato o alinôço de confraternização pela passagem do nosso 112.º aniversário. Compareceram cerca de 400 pessoas, entre as quais se encontravam altas autoridades civis e militares dos três poderes executivos da República, os corpos docente e discente de ambas as casas e cerca de 300 ex-alunos que hoje occupam destacadas posições nas mais diversas atividades da República e em todo o país.

Ao chegar o Chefe da Nação ao Internato, receberam-no à porta o Sr. Director do Internato, Dr. Vândick Londres da Nóbrega, o Sr. Director do Externato, Dr. Gildásio Amado, e os demais membros da Congregação do Colégio Pedro II. Ao ingressar S. Excia. no edificio, a banda do Corpo de Fuzileiros Navais executou brilhantemente o Hino Nacional. Terminado este, ouviu-se o som do velho sino que, outrora, repicava festivamente para anunciar a grata presença do Imperador Pedro II, por ocasião de suas habituais visitas ao edificio do Internato.

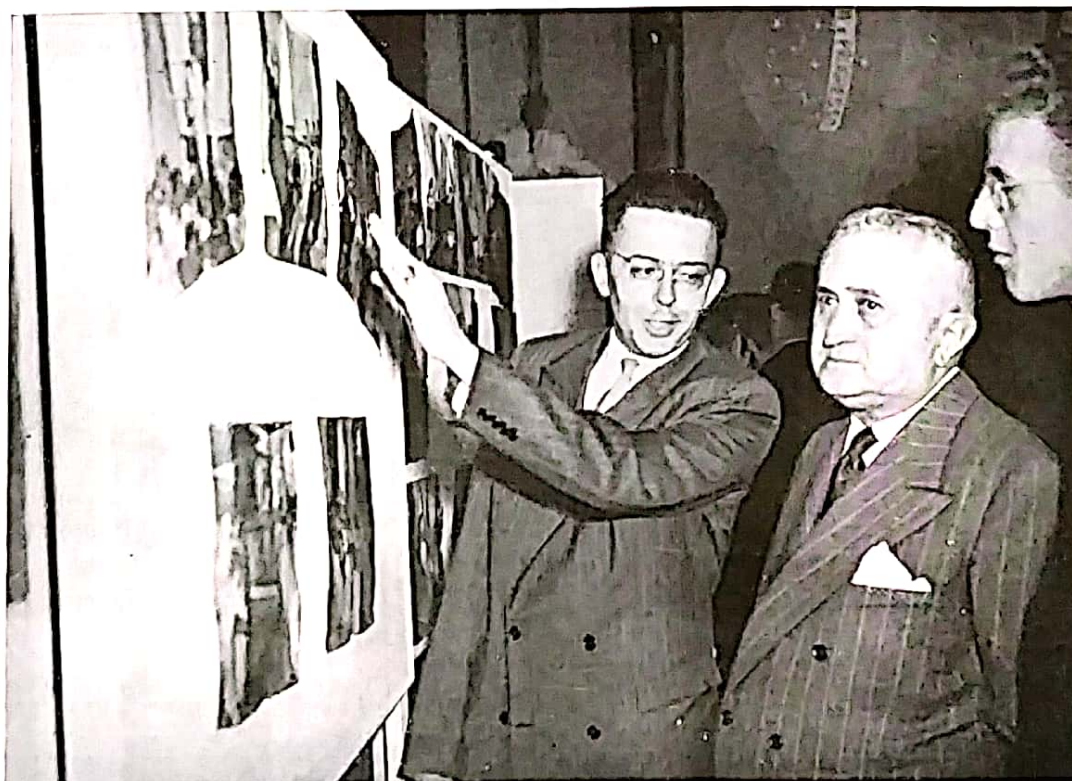
No saguão do Colégio, S. Excia. inaugurou a exposição de fotografias sobre aspectos da vida escolar de seus alunos.

### DISPINÇÃO EXCEPCIONAL

A seguir, o Sr. Presidente foi levado ao Salão Nobre e, ao subir as escadas, mais uma vez teve o grato prazer de ouvir os sons do tradicional sino.



O Sr. Presidente da República, acompanhado do Sr. Ministro da Educação e de outras autoridades entra no edifício do Internato ao som do mesmo sino que outrora anunciava a presença do Imperador



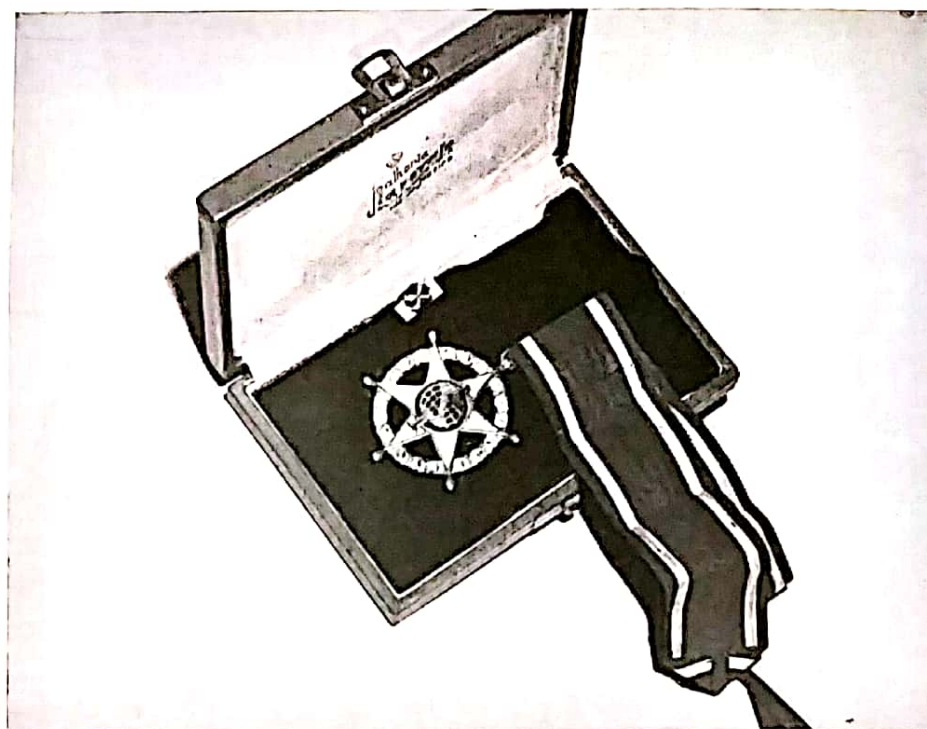
O Diretor do Internato presta esclarecimento ao Sr. Presidente da República sobre a exposição de fotografias



O Sr. Ministro Clemente Mariani pronuncia algumas palavras antes de fazer a entrega da Ordem Nacional do Mérito



O Ministro Clemente Mariani lê o decreto com que o Governo condecorou o "Colégio Pedro II" com a Ordem Nacional do Mérito



Comenda da Ordem Nacional do Mérito na caixa em que foi entregue ao Colégio Pedro II.

No Salão Nobre, em nome do Chefe do Governo, o Sr. Ministro da Educação e Saúde, Dr. Clemente Mariani, agraciou com a Ordem do Mérito Nacional o Colégio Pedro II, que passou a ser a primeira instituição no Brasil a que se concede tão honrosa comenda. Em admirável e curta oração, expressou o agradecimento do Colégio o professor catedrático Dr. Nelson Koméro.

#### INAUGURAÇÃO DA GALERIA DOS ANTIGOS DIRETORES E DA SALA "PINHEIRO GUINARÃES"

Em seguida, o Presidente da República inaugurou a galeria dos ex-diretores, no Gabinete do Diretor, e depois a "Sala Pinheiro Guimarães", que constitui a biblioteca do Colégio, a qual tem esse nome por homenagem da Congregação a esse saudoso professor catedrático que doou toda a sua biblioteca ao Internato, tão bem honrado por ele com a sua cultura e a sua dedicação de Mestre de várias gerações.

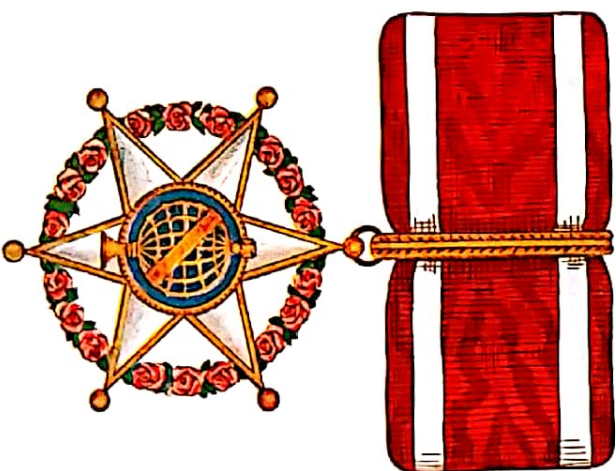
Visitou ainda o Presidente Dutra o local onde vai ser construído o novo edifício do Colégio.

#### O ALMOÇO

Terminada essa visita, o Sr. Presidente da República foi encaminhado ao refeitório do Internato, onde se iniciou o almoço.

À mesa de honra sentaram-se, à direita do Presidente da República, o Sr. Dr. Guilherme da Silveira, Ministro da Fazenda; o Sr. Ministro Araulfo de Paiva, o Sr. Ministro Vicente Piragibe, o Sr. Deputado Eurico Sales, o Magnífico Reitor Prof. Pedro Calmon, o Sr. Prof. Maurício de Medeiros, o Sr. Secretário Geral de Educação e Cultura Prof. Dr. Clóvis do Rêgo Monteiro e o Sr. Dr. Miranda Jordão; à esquerda, o Sr. Dr. Clemente Mariani, Ministro da Educação e Saúde, o Sr. Ministro Barros Barreto, o Sr. Deputado Dr. José Augusto, os Srs. Professores Catedráticos Drs. Haroldo Lisboa da Cunha, George Sumner, Quimino do Vale, Vandick Londres da Nóbrega, Gildásio Amado e o Descumbargador Cândido Lôbo.

Quase ao fim do almoço, agradecendo a presença do Sr. Presidente da República, bem como a atenção que S. Excia. tem dispensado às necessidades do Internato, falou, em nome da Congregação, o seu Presidente, Dr. Vandick Londres da Nóbrega, que pronunciou o seguinte discurso:

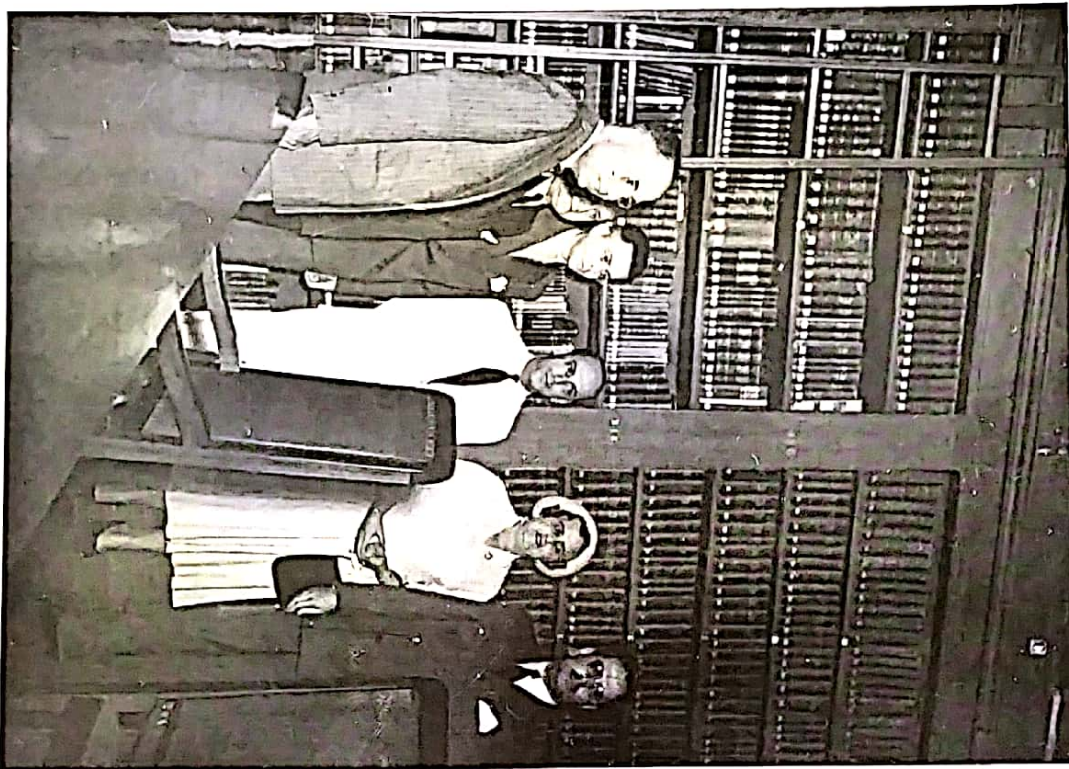


Medalha da Ordem Nacional do Mérito  
com que o preclaro Presidente Eurico  
Gaspar Dutra condecorou o Colégio  
Pedro II



O Sr. Presidente da República, acompanhado de autoridades, num dormitório do Internato

O Sr. Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra acompanhado do Ministro Clemente Mariani, do diretor do Internato e dos professores Ugo e Luis Pinheiro Guimarães e da professora Da. Maria Joaquina Romero na sala "Pinheiro Guimarães", por ocasião de sua inauguração



O presidente da Congregação do Colégio Pedro II, professor Vandek Londres da Nobrega, no momento exato em que recebe das mãos do Ministro Clemente Mariani a comenda da "Ordem Nacional do Mérito" com que o Presidente da República condecorou o Colégio Pedro II

DISCURSO DO PROFESSOR VANDICK LONDRES DA NOBREGA,  
PRESIDENTE DA CONGREGAÇÃO DO COLÉGIO PEDRO II

"Exmo. Sr. Presidente da República

Meus senhores:

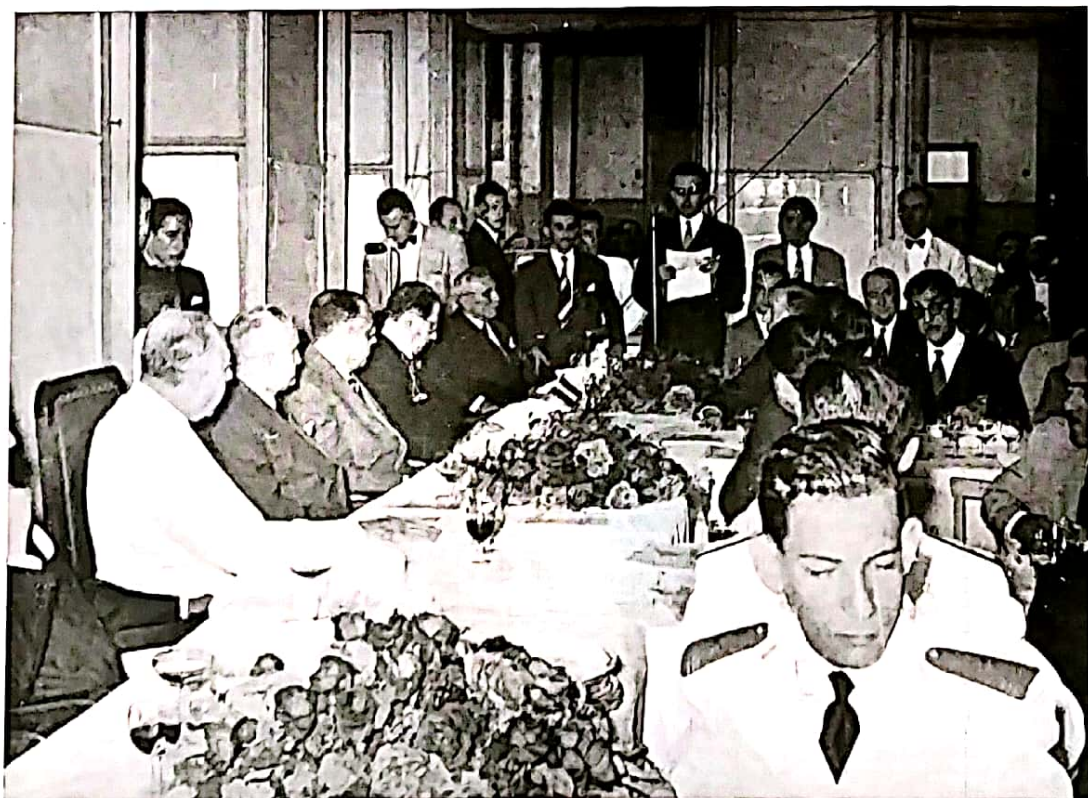
E a primeira vez, após a proclamação da República, que o Chefe da Nação honra o secular Colégio Pedro II, proutificando-se a participar de um almoço destinado a comemorar mais um aniversário desta casa de ensino, que, desde longa data, tem exercido papel relevante na formação e no desenvolvimento da cultura brasileira.

A presença de Vossa Excelência a esta solenidade reveste-se de significação toda especial porque não deve ser considerada mera cortesia do mais alto Magistrado do País que aquiesceu ao convite de seu Ministro da Educação para, numa visita protocolar, conhecer de perto o estabelecimento padrão do ensino secundário do Brasil. Ela significa muito mais, porque permite a Vossa Excelência verificar pessoalmente uma soma de realizações levadas a efeito no seu governo. Aqui, Vossa Excelência não ficará na contingência de observar as nossas deficiências e prometer demovê-las, porque já agiu neste sentido, usando dos meios necessários para atizá-las definitivamente.

Durante mais de dez anos o Colégio Pedro II foi uma espécie de filho enjeitado e esquecido do Poder Executivo: as verbas a ele destinadas eram empregadas noutros fins; decisões de importância capital para o ensino secundário eram tomadas sem audiência da sua Congregação; os professores cate-dráticos, impossibilitados de elaborar o programa das suas disciplinas, foram constrangidos a seguir outros muitas vezes organizados por pessoas incompetentes ou alheias ao magistério.

O professor Clemente Mariani, digno e dinâmico auxiliar do seu governo, teve oportunidade de submeter à consideração de Vossa Excelência providências premitíveis e indispensáveis para que o Colégio Pedro II fosse novamente colocado à altura de suas gloriosas tradições. A exposição do eminente titular da pasta da Educação e Saúde não ficou reduzida a uma voz de quem clama no deserto, porque obteve o inelucto apoio do Sr. Presidente da República, que determinou o emprego de quase um milhão de cruzeros em obras de ligeiros reparos neste velho edifício que nos abriga. As obras não estão prometidas, mas foram executadas o ano passado e, em consequência, diminuiu consideravelmente o grande desconforto a que éramos forçados submeter os que estudam e trabalham neste Internato.

O governo de Vossa Excelência compreendeu que essas providências remediariam situações, mas não resolveriam, em definitivo, o nosso problema. Por este motivo, na penúltima proposta orçamentária, referente ao presente exercício financeiro, que Vossa Excelência dirigiu ao Congresso Nacional, foi solicitada verba para a desapropriação de imóveis destinados à construção dos novos edifícios das duas secções do Colégio. O Externato já entrou na posse de um desses imóveis e, dentro de pouco tempo, teremos resolvido o caso de mais dois.



Aspecto parcial do almoço